

## RETRATO DA MULHER NO SECTOR COOPERATIVO PORTUGUÊS

TESTEMUNHO DE  
PERSONALIDADES  
FEMININAS DE  
DESTAQUE QUE  
TRABALHAM  
NO UNIVERSO  
DO SECTOR  
COOPERATIVO  
LIGADO À  
CONFAGRI

Na sequência do Estudo divulgado pela CASES referido anteriormente, a CONFAGRI entendeu por bem recolher testemunhos de algumas das mulheres que desempenham cargos de Presidente e Gestora/Diretora-Geral no Universo do Sector Cooperativo ligado à CONFAGRI, e que têm desenvolvido, ao longo dos anos, um trabalho de grande destaque em prol do sector e das suas respetivas Instituições, deixando a opinião, na primeira pessoa, e dando um rosto, a alguns destes casos.

Nesse sentido, iremos apresentar de seguida o testemunho de Celeste Patrocínio, Presidente da Adegas Cooperativas de Ponte de Lima, de Manuela Ferreira, Presidente da Cooperativa Agrícola da Anadia, de Margarida Furtado, Diretora-Geral da Cooperativa Agrícola de Barcelos, de Filomena Coelho, Gestora da Cooperativa Agrícola do Bebedouro, de Maria da Guia – Gestora da Cooperativa Beira Central e de Patrícia Fernandes, Gestora da Cooperativa Agro-Pecuária dos Agricultores de Mangualde, a quem agradecemos toda a colaboração e disponibilidade demonstrada para com esta iniciativa levada a cabo pela Revista Espaço Rural da CONFAGRI.





**CELESTE PATROCÍNIO**

**PRESIDENTE DA ADEGA COOPERATIVA DE PONTE DE LIMA**

**Como encara o Cooperativismo e o que significa para si desempenhar funções no Sector Cooperativo Agrícola?**

Com otimismo, mas também com alguma preocupação.

Sobre o papel crucial das Cooperativas no desenvolvimento económico e social há estudos aprofundados e trabalhos realizados por investigadores e especialistas de reconhecido mérito e elevada competência, nomeadamente no âmbito da CONFAGRI. Aproveito esta oportunidade para, mais uma vez, manifestar à CONFAGRI o nosso reconhecimento.

Todavia, parece ainda existir um certo preconceito em relação às Cooperativas, que resultará do desconhecimento da realidade. Refiro-me ao ramo agrícola a que a Adega pertence. Não vou falar do processo de reconhecimento das Organizações de Produtores...

Não posso deixar de salientar a importância do cultivo da vinha na atividade desenvolvida pelos nossos associados – que na generalidade não é de monocultura –, representando o maior peso nos seus rendimentos, sem o qual não seria possível sustentar outras culturas, tão importantes para a biodiversidade, a diversificação da paisagem, no impacto positivo no turismo e na resposta aos desafios da sustentabilidade e qualidade de vida no interesse de todos. Desde criança que tenho uma forte ligação à terra e nunca perdi a ligação à minha terra, Ponte de Lima, de modo que foi com alguma naturalidade, mas ciente das enormes dificuldades, que aceitei o convite para trabalhar

na nossa Adega Cooperativa. Por menor significado que tenha o nosso contributo, se for útil e tivermos condições de o prestar, temos o dever de o cumprir.

**Como deve ser incentivada a participação das mulheres no Sector Cooperativo?**

A Adega de Ponte de Lima dispõe de um quadro de técnicos superiores qualificados, maioritariamente mulheres, responsáveis das diferentes áreas, desde infra-estruturas e equipamentos, produção, contabilidade, internacionalização e marketing, certificação da qualidade e segurança alimentar, comercialização e apoio aos cooperadores. Actualmente, o universo da Adega já integra um elevado número de cooperadoras com atividade vitícola.

O incentivo tem que assentar na visibilidade e no reconhecimento e valorização do cultivo da terra e da vinha, e, conseqüentemente, dos vinhos de alta qualidade que produzimos. Haverá sempre uma dificuldade para atrair jovens para a viticultura – numa região de minifúndio como a nossa – enquanto o rendimento não for compensador. Este é um dos grandes problemas que temos que ultrapassar.



**MANUELA FERREIRA**

**PRESIDENTE DA COOPERATIVA AGRÍCOLA DA ANADIA**

**Como encara o Cooperativismo e o que significa para si desempenhar funções no Sector Cooperativo Agrícola?**

Tem sido com enorme orgulho que tenho vindo a desempenhar, há já vários anos, funções de Presidente da Direção na Cooperativa Agrícola de Anadia. Foi um desafio

que me foi lançado, na altura, e que abracei com grande sentido de responsabilidade. Tem sido para mim uma experiência bastante enriquecedora a vários níveis. É com satisfação que tenho feito este caminho, tentando ultrapassar da melhor forma alguns dos obstáculos com que a Cooperativa se tem deparado. Tenho encarado o meu desempenho, enquanto Presidente, como uma missão em prol desta causa que é a agricultura.

O bom trabalho que a Cooperativa tem realizado também tem sido possível, graças à equipa diretiva que tem estado comigo e aos nossos colaboradores.

Relativamente ao Cooperativismo, o sector tem vindo a passar por algumas transformações, ao longo dos últimos anos, fruto das várias adversidades que têm assolado a economia nacional, o que tem obrigado a que o sector se tenha vindo a ajustar e a adaptar às circunstâncias para que possa prosseguir os seus fins, apesar de nem sempre ter tido o devido reconhecimento. Contudo, acredito que o Cooperativismo tem pernas para continuar o seu trabalho. As Cooperativas agrícolas desempenham um papel primordial, junto dos agricultores, permitindo-lhes escoar os produtos excedentes, tendo também uma função reguladora. No caso de Anadia, essa importância tem vindo em crescendo, devido à formação que temos promovido, em parceria com a CONFAGRI, bem como à prestação de vários serviços de apoio ao agricultor, o que tem aproximado ainda mais as pessoas da Cooperativa, o que para nós tem sido muito positivo.

**Como deve ser incentivada a participação das mulheres no Sector Cooperativo?**

A sensação que tenho é que a participação das mulheres no Sector Cooperativo tem vindo a aumentar. Contudo, há ainda muito a fazer para atrair ainda mais mulheres. No meu caso pessoal nunca senti algum tipo de discriminação, antes pelo contrário, sempre fui muito apoiada pelos nossos associados.

Estou crente de que uma maior participação feminina no Cooperativismo poderá ser uma mais-valia para todo o sector. Com novas ideias e maneiras de trabalhar diferentes, poderá ser um elemento potenciador, contribuindo de forma positiva para que haja um maior dinamismo.



## MARGARIDA FURTADO

DIRETORA-GERAL DA COOPERATIVA  
AGRÍCOLA DE BARCELOS

### Como encara o Cooperativismo e o que significa para si desempenhar funções no Sector Cooperativo Agrícola?

O Cooperativismo é um sistema organizativo capaz de ligar a economia e a sociedade como formas de evolução humana. No Cooperativismo há espaço para todos, independentemente das ideias de cada um. Respira-se tolerância e respeito pela liberdade individual. O Cooperativismo apresenta-se como uma verdadeira democracia, porque os homens e as mulheres são participativos. São inúmeras as virtudes do Cooperativismo que urge não beliscar, porque a sociedade está em mudança, claramente menos solidária, mais individualista e desumanizada. As estruturas da cúpula do nosso sector Cooperativo precisam de alimentar as nossas raízes para reforçar a união, para não deixar definharem a vida económica das Cooperativas e os valores da ética que norteiam o Cooperativismo.

Desempenhar funções no Sector Cooperativo agrícola significa viver diariamente em espírito de missão, apoiando os cooperadores na defesa dos seus interesses. A agricultura e os agricultores precisam de ser fortemente apoiados, pois é preciso produzir com qualidade, as explorações têm de ser competitivas e as relações interpessoais têm de ser alimentadas.

Nada pode ser deixado ao acaso. Este é um desafio que desempenho com muito gosto e orgulho, pois o Sector Cooperativo constitui o pilar de segurança dos nossos agricultores.

### Como deve ser incentivada a participação das mulheres no Sector Cooperativo?

A participação das mulheres no Sector Cooperativo deve ser incentivada através da educação e da cultura em diferentes áreas. Quanto maior é o conhecimento e o domínio dos assuntos, maior é a capacidade de interpretar o mundo que as rodeia e de se tornarem agentes de opinião. Muitos são os exemplos de mulheres que assumem o leme simultaneamente na família, no emprego ou na exploração agrícola, bem como no mundo associativo. Sabe-se na realidade que esta capacidade de praticar o multitasking, vem de um dom natural. O saber, aliado à sensibilidade, perspicácia, determinação e intuição femininas, tornam as mulheres mais fortes e o Sector Cooperativo mais coeso e musculado.

Como dizia Indira Gandhi *“A mulher deve sentir-se livre, não para combater os homens, mas sim pelas suas capacidades e pela sua personalidade”*.



## MARIA DA GUIA

GESTORA DA COOPERATIVA  
BEIRA CENTRAL – OLIVEIRA DO HOSPITAL

### Como encara o Cooperativismo e o que significa para si desempenhar funções no Sector Cooperativo Agrícola?

Vejo o Cooperativismo, como uma ideologia muito bem “meditada” em 1844 pelos Pioneiros de Rochedalle em plena revolução industrial, onde perceberam que unidos conseguiam obter mais benefícios. Já nessa data faziam parte dos 28 pioneiros algumas mulheres.

Contudo, verifico que cada vez mais os próprios cooperantes não tem conhecimento dos princípios Cooperativos e da função e missão das Cooperativas. As Cooperativas criam e mantêm emprego fornecendo rendimento, são responsáveis pela produção e fornecimento de alimentos e serviços, seguros de qualidade aos seus membros, mas também às comunidades em que operam. Mesmo assim, muitos ainda subestimam a abrangência e dimensão do movimento Cooperativo e a forma como ele afeta as economias nacionais e a sociedade em geral.

Quando fui admitida na Cooperativa a primeira coisa que fiz foi querer saber mais sobre Cooperativas, pois ao longo da minha formação académica o conceito “empresa Cooperativa” foi muito pouco explorado.

Ao longo do meu percurso profissional fiz várias formações no âmbito da Economia social, com enfoque nas Cooperativas. Efetuei também a minha tese de Mestrado em Cooperativismo. O conhecimento é um processo contínuo, dinâmico e sempre inacabado.

### Como deve ser incentivada a participação das mulheres no Sector Cooperativo?

Ao longo da minha atividade profissional, em reuniões ou formações com os nossos cooperantes chamo sempre a atenção que a Cooperativa é de todos e era muito importante a presença deles nas assembleias. Motivo as mulheres presentes na importância da vida ativa da Cooperativa. Nos últimos dois mandatos, nos corpos sociais, tem existindo sempre a presença de uma mulher.



## PATRÍCIA FERNANDES

GESTORA DA COOPERATIVA AGRO-PECUÁRIA  
DOS AGRICULTORES DE MANGUALDE

### Como encara o Cooperativismo e o que significa para si desempenhar funções no Sector Cooperativo Agrícola?

O Sector Cooperativo Agrícola tem tido a capacidade de se reinventar, tornando evidente que, juntos, um pequeno grupo de produtores pode ganhar escala, organização e capacidade negocial, projetando assim uma força maior à suas produções. As Cooperativas, de uma forma geral, apesar de não terem como objetivo final o lucro para si mesmas, conseguem acrescentar valor aos produtos e gerar melhores resultados aos seus participantes, que sozinhos não têm escala nem dimensão. Por outro lado, o aconselhamento técnico e a formação, entre outros serviços que uma Cooperativa presta, proporcionam a possibilidade de os pequenos produtores serem tratados como sócios de um negócio, envolvendo-os, motivando-os a atingirem resultados, que irá gerar lucros e apoiar uma expansão no mercado, se assim for o desejo, devido à dimensão conjunta dos produtores e às sinergias que se obtêm.

Do ponto de vista pessoal para mim, tem sido uma experiência muito enriquecedora. Desde que assumi funções na direção da COAPE conheci pessoas fantásticas, verdadeiros empreendedores com produtos endógenos de singular qualidade e descobri um sector de atividade com um potencial económico tremendo, que é fundamental ao desenvolvimento sustentável do concelho e da região.

### Como deve ser incentivada a participação das mulheres no Sector Cooperativo?

É reconhecida a desigualdade e a discriminação negativa na participação das mulheres na sociedade. É transversal a todos os sectores, desde a política à administração das empresas. Não acredito que a imposição de quotas na constituição das listas dos órgãos sociais das Cooperativas resolva o problema, mas pode ajudar numa fase de transição. Depois a competência fará o resto. Temos hoje em Portugal mulheres que no sector dos vinhos, estão a dar cartas sendo reconhecidas internacionalmente. Diria que com maior acesso à tecnologia, mais formação, a introdução de novas e mais modernas técnicas de gestão que as mulheres podem aportar, tudo acompanhado por uma verdadeira mudança de mentalidades na sociedade portuguesa, a participação das mulheres no Sector Cooperativo vai aumentar nos próximos anos. ●



## FILOMENA COELHO

GESTORA DA COOPERATIVA  
AGRÍCOLA DO BEBEDOURO

### Como encara o Cooperativismo e o que significa para si desempenhar funções no Sector Cooperativo Agrícola?

Esta Cooperativa foi fundada em 1968. A pequena agricultura de subsistência dos anos 50 e 60 padecia de inúmeros males, e juntar estas pequenas e pobres iniciativas numa Organização Cooperativa, foi a melhor forma de dar força e visibilidade a este meio rural e ajudar a resolver as profundas debilidades das famílias. Nasci neste contexto e trabalhar hoje com as famílias deste novo mundo agrícola, é

como estar a ouvir "poesia por quem a escreve". Os 33 anos de atividade nesta Cooperativa permitiram-me acompanhar por dentro a evolução vivida nos campos e principalmente nas famílias. Perante as dificuldades da atividade agrícola, a partir da década de 50, e a falta de mão-de-obra nos países ocidentais europeus, muitos homens emigraram deixando toda a atividade e o governo da casa entregue às mulheres. Foi à pecuária, principalmente à produção de leite, que estas mulheres recorreram para poderem gerir a família, garantir alguma estabilidade financeira e preservar a sua saúde, poupando-se aos trabalhos de campo mais pesados. A Cooperativa, apoiada na Lacticoop, procurou facilitar-lhes a vida garantindo-lhes todo o apoio necessário ao longo do processo de produção. A região conheceu nessa época, considerável estabilidade económica e nível de bem-estar e com as alterações introduzidas com o novo regime político, importantes áreas como a saúde e o ensino puderam ser acarinhadas. Como mulher e reportando-me aos tempos atuais, aprez-me concluir que as mulheres do Bebedouro dessa época não precisaram de muletas para serem empoderadas e comportaram-se como empreendedoras e empresárias competentes. E isto, dentro duma Organização que também era delas.

### Como deve ser incentivada a participação das mulheres no Sector Cooperativo?

O futuro do Sector Cooperativo Agrícola na região bem como a participação ativa das mulheres no Movimento, está dependente da manutenção da atividade agrícola. Evoluir da agricultura tradicional familiar para unidades agrícolas especializadas, como se impõe, implica profundas alterações fundiárias só possíveis com o envolvimento dos Serviços Agrícolas e Autárquicos, que tardam. Por outro lado, a própria opinião pública condiciona cada vez mais qualquer atividade agrícola, nomeadamente quando é mais intensiva e assenta na produção pecuária. O trabalho de campo é cada vez mais mal visto pela sociedade que acredita ser possível alimentar a população recorrendo apenas à importação mesmo numa economia desequilibrada. Mas os ventos maresiros continuam a soprar e, se nada for feito, o abandono das terras ricas e fáceis de trabalhar do Centro Litoral fica cada vez mais próximo e as potenciais jovens empresárias agrícolas terão que demandar para outras bandas.